

EDITORIAL

O BOLETIM DO CEIB apresenta, neste seu número 24, artigo do frade franciscano Jacir de Freitas, sobre as simbologias de Maria e Jesus. Em julho de 2002 Frei Jacir publicou, em um jornal de Belo Horizonte, um artigo sobre este assunto, tendo sido convidado, pela diretoria do CEIB para fazer uma conferência sobre o tema. A palestra despertou grande interesse, porém, como muitos associados não puderam comparecer, convidamos Frei Jacir para enriquecer nosso BOLETIM com o artigo que agora apresentamos e que consideramos de importância para os que lidam com obras que representam cenas da vida de Maria e de Jesus. Frei Jacir é professor de exegese bíblica no Instituto Santo Tomás de Aquino, em Belo Horizonte e assessor de leitura popular da Bíblia. Fez estudos de mestrado em exegese bíblica no Pontifício Instituto Bíblico de Roma e complementou seus estudos no México e em Jerusalém. Publica artigos em jornais e revistas, estando preparando agora o lançamento, pelas Paulinas, do seu livro: *As origens apócrifas do cristianismo*, no qual comenta os evangelhos de Maria Madalena e Tomé, recolhendo as tradições apócrifas sobre a vida de Maria, José e a infância de Jesus.

Passamos agora a dar, com grande satisfação, algumas notícias :

- O III Congresso do CEIB será realizado de 27 a 30 de agosto na cidade de São João del Rei, em Minas Gerais. Juntamente com este número do BOLETIM vocês estarão recebendo as informações preliminares sobre o evento, com a ficha para inscrição. Solicitamos que divulguem o congresso.
- Nossa associada, a restauradora e mestre em História da Arte, Myriam Serck Dewaide foi nomeada, interinamente, diretora do importante Institut Royal du Patrimoine Artistique - IRPA, com sede em Bruxelas.
- O Médico, pesquisador de imaginária sacra brasileira e sócio honorário do CEIB, Dr. Eduardo Etzel, está preparando para publicar o livro *O velho Brasil e seus objetos* com referência ao pioneirismo do **BOLETIM DO CEIB**.

Simbologias de Maria e Jesus nos Apócrifos e na Torá

Jacir de Freitas Faria*



Foto: CECOR

*Esposais de Maria e José - Pintura sobre madeira
Museu Arquidiocesano de Mariana, Minas Gerais*

A arte sacra nos legou pinturas fascinantes de Maria e Jesus. Qual é a origem dessa inspiração? Essa é uma boa pergunta que vamos responder contando a história de Maria conservada nos evangelhos apócrifos. E não são poucos os apócrifos sobre Maria. Vamos também recorrer ao imaginário judaico usado na releitura de Jesus como judeu e messias dos judeu-cristãos. Veremos como a vida de Maria, em muitos traços se equivale à de Jesus.

Os apócrifos são os livros que não entraram na Bíblia oficial, a canônica. Somente em relação ao Novo Testamento (Segundo Testamento) temos mais de 60 escritos, dentre evangelhos, apocalipses, cartas, etc. Alguns estudiosos insistem em considerar os apócrifos como escritos falsos. No entanto, a recente pesquisa sobre eles tem mostrado que os apócrifos são preciosidades

da fé cristã condenada à heresia. Muitos deles até complementam ou clareiam os ensinamentos oficiais.

A *Torá* equivale à literatura judaica, aos cinco primeiros livros da Bíblia, o Pentateuco, assim como toda a Bíblia Hebraica. Além disso, a *Torá* é também a tradição oral do povo da Bíblia. Temos, pois a *Torá Oral* e a *Escrita*. O substantivo hebraico *Torá* é, na maioria das vezes, traduzido por Lei. Preferimos considerá-lo no seu significado profundo de Caminho, Conduta, Modo de ser. A *Torá* é um projeto de vida, conservado para nós nas Dez Máximas do Sinai ou *Dez Mandamentos*. Os primeiros cristãos logo compreenderam que Jesus era a *Torá* e o seu cumprimento pleno. O Segundo Testamento é uma releitura de Jesus como *Torá*(1). Como Judeu, ele a viveu plenamente. Para compreender isso, urge ler o texto na perspectiva simbólica.

1 - O nascimento de Maria

Os pais de Maria se chamavam Joaquim e Ana. Joaquim era um homem justo e honesto. Um dia, quando estava para fazer a sua oferta no templo, foi barrado pelo sacerdote Rubén. Esse argumentou que Joaquim não podia fazer sua oferta porque não havia concedido descendência para Israel. Joaquim fugiu para o deserto. Ana ficou sabendo do ocorrido e implorou misericórdia a Deus. As suas preces foram ouvidas e ela concebeu. Joaquim voltou. Fez a sua oferta. Ana deu a luz a uma menina e lhe deu o nome de Maria. Assim, o nascimento de Maria não foi impedido pela esterilidade de Ana. A tradição alternativa apócrifa quis mostrar que o nascimento de Maria foi importante para a história de Israel, assim como foi o de Jesus. Em louvor a Deus pela sua benevolência, Ana e Joaquim lhe consagraram Maria. Ela foi morar no templo de Jerusalém, quando tinha 3 anos de idade e ali permaneceu até os 12 anos. Chegando o tempo de sua primeira menstruação, os sacerdotes ficaram apavorados com a possibilidade do templo ser manchado com sangue impuro. Eles, então, resolveram convocar os anciãos da cidade para entregarem a custódia da menina. Cada ancião trouxe uma vara. O sumo sacerdote entrou no templo e rezou. As varas foram devolvidas. José foi o último a receber o seu cajado. E ele, embora seco, floruiu. Uma pomba sobrevoou o templo e o cajado. José já era um idoso de 89 anos. Mesmo resistindo ao fato, José acolheu Maria em sua casa e se casou com ela, conforme os costumes judaicos.

2 - O nascimento de Jesus em Belém e Nazaré

Se o nascimento de Maria foi cercado de simbolismo, o de Jesus também não ficou por menos. Jesus nasceu em Belém, mas foi em Nazaré que ele se fez *Torá* ambulante, iniciou sua pregação do Reino. Jesus e seus

seguidores foram chamados de Nazarenos ou Nazareus, pelo fato do movimento de Jesus ter tido a sua origem na cidade de Nazaré e pelo simbolismo que carrega o substantivo Nazaré, cidade predileta dos primeiros cristãos. Em hebraico, o substantivo feminino Nazaré se diz: *Notseret*. O seu significado é: *Aquela que guarda*. Guarda em hebraico se diz *Notser*. A história de Israel sempre foi marcada pela presença de Deus, aquele que guarda (*Notser*) por mil gerações a sua Bondade e, por três mil gerações, o seu amor. Para os cristãos “da primeira hora” dizer e saber que Jesus vinha de Nazaré tinha um significado todo especial. Jesus foi guardado por Deus e dado ao seu povo escolhido. Nazaré guarda e guardará eternamente Jesus de Nazaré. Jesus nasceu em Nazaré. Belém é um nascimento teológico, para confirmar o imaginário coletivo que dizia que o salvador, o messias, viria de Belém, a terra do rei Davi.

3 - A simbologia da circuncisão na vida de Jesus

Jesus, no oitavo dia de seu nascimento, foi levado por sua mãe, a judia Maria de Nazaré, ao templo para ser circuncidado (Lc 2, 22-28) segundo as prescrições da *Torá*. Nessa celebração, ele recebeu o nome hebraico *Yeshua* (Jesus) e o sinal no seu corpo da pertença ao povo de Israel, a circuncisão. O substantivo hebraico *milah* significa Circuncisão e Palavra. O judeu menino já nasce sabendo que a sua vida deverá sempre ser de palavra, diálogo com o Eterno e suas revelações. Jesus, mais tarde, se transformou no anunciador da Palavra do Reino de Deus que salva. Os católicos relembram a força da Palavra de Jesus, quando na missa, antes de receber a eucaristia, recitam: ‘Senhor, eu não sou digno que entreis em minha morada, mas dize uma só palavra e eu serei salvo’.

Circuncidar significa cortar aquilo que circunda. Com esse gesto, o judeu libera o pênis para cumprir o mandamento da *Torá*: “Crescei e multiplicai-vos” (Gn 1,28).

4 - A simbologia da virgindade e da consagração de Maria

A questão da virgindade foi sempre um tema polêmico entre os cristãos. Os apócrifos defendem a virgindade antes, durante e depois do parto. Uma opinião apócrifa, para demonstrar sua total adesão à idéia da concepção virginal de Maria, chega a dizer que Maria concebeu pela orelha. Conceber pela orelha é simplesmente um modo simbólico de dizer que ela era uma mulher que estava na escuta de Deus, ela era judia, na mais rígida tradição do *Shemá Israel* - Escuta ó Israel. Havia também, é claro, vozes apócrifas discordantes, como a da comunidade do Evangelho de Filipe que defendia o relacionamento marital entre José e Maria, bem como o parto normal. Ao falar da virgindade de Maria, a comunidade dos apócrifos tem intenção mais apologética que histórica. A pureza de Maria é demonstrada pela sua vida consagrada no templo de

Jerusalém. Ela está sempre em contato com o sagrado. Quando Jesus nasce, a virgindade de Maria é mantida. A parteira Salomé ousou testar a sua virgindade colocando o seu dedo na “natureza de Maria” e suas mãos pegaram fogo. Assim, o teste corporal feito por Salomé comprovou a virgindade de Maria. Mais tarde, quando a gravidez de Maria é denunciada aos sacerdotes, esses confirmam a sua virgindade com outro teste comum entre os judeus, o da água amarga (Nm 5,11-31). Maria não foi culpada de adultério pelos sacerdotes. José tinha certeza que não teve nenhum relacionamento sexual com ela, portanto, ela continuava virgem. Quanto aos outros filhos de José (4 homens e 2 mulheres), os apócrifos dizem que eles eram do primeiro casamento. Logo, Maria não teve outros filhos, permaneceu virgem até a morte. Os irmãos de Jesus eram irmãos de criação. Nem é preciso recorrer à interpretação de Jerônimo (séc. IV E.C.) que entendeu o substantivo irmão dos evangelhos canônicos como primos, parentes. Além disso, José, segundo a tradição apócrifa já já era idoso, quando se casou com Maria, uma jovem entre 14 e 15 anos.

Na narrativa da morte de Maria é ressaltada a sua condição de virgindade. Ainda quando estava no templo, as virgens eram suas amigas. Um grupo delas foi designado para o seu cuidado na casa de José. Após a morte de Maria, outras virgens, iguais a ela, prepararam o seu corpo e seguiram o cortejo. João, aquele que recebeu o encargo de cuidar dela, levou a palma da virgindade de Maria, porque também se manteve virgem. Por isso, em nossos dias, temos a tradição de oferecer a palma à Maria nas coroações de Nossa Senhora. Maria, a virgem foi elevada aos céus.

5 - A liderança de Maria entre os primeiros cristãos

Maria nos apócrifos aparece como liderança entre os primeiros cristãos. Ela tinha poder de convocar os apóstolos à assembléia. Ela era a Senhora dos apóstolos. Nos apócrifos não é Maria Madalena que vai ao túmulo de Jesus, mas Maria, o que parece mais lógico. E nesse encontro, Jesus a encarregou de anunciar aos apóstolos a sua ressurreição e dizer-lhes que o encontrariam em Jerusalém. Quando ainda vivia consagrada no templo, Maria despertava a admiração dos homens sacerdotes. Quiseram arrumar um casamento para ela com um filho de um sacerdote, mas ela mesma rejeitou a proposta. Maria é chamada nos apócrifos de a “Força”, “Mãe das luzes”. Ela era discípula e apóstola de seu filho. Teve o poder de conversar com o ressuscitado. É bem verdade que Pedro aparece em vários episódios da vida de Maria. Ele é quase sempre chamado de bispo e pai da comunidade. A defesa do primado de Pedro nos apócrifos sobre Maria é compreensível na medida em que o lemos no contexto da disputa de liderança entre os primeiros cristãos. Maria era uma dessas

Foto: CECOR



*Batismo de Cristo - Pintura sobre tela
Matriz de Catas Altas, Minas Gerais*

fortes lideranças. Maria Madalena também foi outra personagem feminina de grande poder entre os discípulos. No entanto, ambas Marias foram subestimadas nos evangelhos canônicos. Madalena foi feita prostituta, embora não o fosse. Maria, a mãe de Jesus, não foi somente a intercessora, como quiseram os canônicos, mas discípula e apóstola de seu filho, Jesus, a quem ela amou com amor de mãe e sofreu sem perder a fé. Como toda mãe, Maria chorou diante de seu filho morto na cruz. Maria é uma mulher judia, piedosa e sempre preocupada com os afazeres domésticos. As mulheres não tinham o direito de estudar a *Torá*, mas a Maria dos apócrifos desafiou esse costume.

6 – A liderança de Jesus é confirmada pela pomba no dia de seu batismo

Os evangelhos canônicos conservaram na memória do batismo de Jesus uma pomba que desce sobre Jesus: “O Espírito Santo desceu sobre ele em forma de pomba” (Mc 1,9-11; Mt 3, 13-17; Lc 3, 22 e Jo 1, 32-34). O que isso quer dizer? A pomba, em hebraico *Yoná*, também Jonas em português, é uma ave frágil, de notória candura e fiel ao seu companheiro. Por isso, os judeus fizeram dela o símbolo da paz e do povo de Israel. Israel quer a paz, mas vive sempre, por causa da sua fragilidade, perseguido pelas nações do mundo. Hoje, não sei se poderíamos dizer o mesmo de Israel. Basta ver a sua atitude em relação aos Palestinos. A pomba só pode se defender com as suas duas asas. Assim também Israel só pode defender-se com a *Torá*, dada ao povo em duas tábuas. A pomba passou também a ser imagem da Presença divina. No batismo de Jesus, a *Torá-Pomba* desce sobre Jesus e lhe confere a dignidade de *Torá-Personificada*. *Torá* confirma *Torá*. Os cristãos compreenderam no batismo de Jesus que Deus mesmo se lhes oferecia em Jesus, em forma de *Torá*. A presença simbólica de uma pomba no batismo de Jesus quer ser a sua confirmação como israelita, judeu e membro do povo de Deus, que se faz presente como sinal de esperança e força na fragilidade e candura de uma *Yoná*.

7 - O amor de Jesus por Maria Madalena

A literatura alternativa apócrifa também nos traz uma surpreendente revelação: Maria Madalena não era prostituta, mas sim “a amada de Jesus”. Maria Madalena, mulher tantas vezes motivo de inspiração para poetas, músicos e pintores, símbolo da prostituta que se redime. Mulher da paixão e dos sonhos. “Com Madalena eu vou me embora”... reza a música popular brasileira, na voz de Fagner. Por que Madalena foi e permanece importante para tantas culturas cristãs? A resposta está na relação dela com Jesus. Talvez porque o equívoco na interpretação de Lucas 7, 36-49 a eternizou com estigma de prostituta! Melhor ainda seria sepultar essa interpretação e resgatar a figura dessa mulher como o “amor que Jesus

tanto amou”(2). Maria Madalena, recebia os ensinamentos do Mestre e tinha autoridade para poder transmiti-los aos apóstolos. Nesse sentido, o evangelho de Maria Madalena é uma preciosidade que não podemos deixar de ler. Já o evangelho apócrifo de Filipe revela que Jesus amava Maria Madalena mais que todos os discípulos e a beijava na boca freqüentemente. Os discípulos tinham ciúmes desse amor. O beijo, naquela cultura tinha o sentido de ‘comunicar o espírito’, o saber, mas também podia ser o beijo mesmo. Que problema isso traria para Jesus? O problema está em nós. O grande pecado de Maria Madalena foi o de saber demais. A igreja fez de Maria Madalena uma prostituta para contrapô-la à Maria, mãe de Jesus. A primeira passou para a história como modelo de pecadora que se arrepende e a segunda, como virgem toda pura. Ambas se transformaram em arquétipos de fé. Fazer de Maria Madalena uma prostituta significou minimizar o seu papel de liderança no início do cristianismo, assim como aconteceu com tantas outras mulheres que caíram no ostracismo ou se viram subjugadas à lideranças masculinas. Madalena foi salva por Jesus pelo amor que ambos se dedicaram.

8 - Conclusão: a secreta magia dos símbolos na vida de Maria e Jesus

Toda a história que vimos anteriormente sobre Maria e Jesus poderia ser acrescida de tantos outros elementos que a limitação de espaço não o permite. Podemos interpretar os símbolos acima mencionados, do seguinte modo:

Pomba: símbolo da *Torá* (Pentateuco) que sobrevoou o templo e vara de José para indicar-lhe que ele devia aceitar Maria como esposa. No templo, Maria viveu como uma pomba, isto é, de forma pura. Jesus, no dia do seu batismo no Jordão, recebeu sobre sua cabeça a visita de uma pomba. Jesus, a nova *Torá* é confirmada pela *Torá-Pomba*. É também, a pomba o sinal do Espírito Santo de Deus.

Palma: também sinal da *Torá* e da pureza que Jesus oferece a Maria no Monte das Oliveiras. Ela foi levada adiante do fêretro de Maria para lembrar a sua virgindade e consagração.

Véu do templo: símbolo da pureza, só podia ser confeccionado por mulheres virgens. Maria, mesmo sendo a esposa de José, continuou virgem, por isso, podia ser convidada pelos sacerdotes a confeccionar o véu do templo. Segundo os evangelhos canônicos, o véu do templo se rasgou no momento da morte de Jesus. Isso é sinal de que aquele que é puro como o véu foi violado pela injustiça humana.

Templo: lugar onde vivem os puros. Maria viveu no templo, porque era pura por excelência. E ser educada no templo é ocupar um lugar central na história da salvação. Jesus denunciou os vendilhões do templo, isto é, o império romano e seus comparsas

em Israel.

Vara que se transformou em lírio: símbolo da fertilidade e da eleição. A vara de José floriu, fato que mostra a ligação desse com a história de Israel. A vara de Aarão também floresceu e ele foi escolhido por Deus (Nm 17,16-23).

Trombeta: usada para convocar os anciãos para decidir quem ficaria com Maria, mostra a importância de Maria na história de Israel. O povo de Israel era convocado por uma trombeta quando surgiam problemas de vulto nacional.

Anjo: Deus que vem ao nosso encontro. Os judeus por colocarem Deus tão distante e fora do alcance da vida, criaram a categoria anjo para falar de Deus. O anjo é Deus, mesmo que tenha um nome próprio. Maria recebeu a visita de anjos, isto é, Deus mesmo. Anjo não existe.

Luz: que envolveu Maria e Jesus na gruta e no dia da morte e assunção, liga esses eventos à manifestação de Deus no Sinai.

Fogo: que atingiu as mãos de Salomé, quando ela quis testar a virgindade de Maria, é o sinal da presença divina (Ex 3,1-6). A ação incrédula de Salomé, ao tocar a “natureza de Maria”, foi necessária para confirmar teologicamente o fato de Jesus ser a luz para todos os povos. Salomé, ao receber nas próprias mãos a luz de Deus, Jesus, foi curada.

Esterilidade: sinal de castigo e da não bênção de Deus. Apesar da virgindade, Maria não era estéril, o que fundamenta a teologia dos primeiros cristãos, isto é, em Maria a promessa de Deus se realizou, porque havia entre eles alguém preparado para essa tarefa.

Morte em três dias: assim como Jesus, que depois de três dias ressuscitaria, Maria também foi visitada por Deus na pessoa de seu próprio filho, Jesus, e dele recebeu o anúncio da morte e assunção.

Nuvens: nas quais os apóstolos são transportados até à casa de Maria, representa a presença de Deus, que mora além das nuvens.

Os símbolos na vida de Maria e de Jesus nos mostram com essas duas personagens foram de suma importância para os seus seguidores. Verdade ou não, a interpretação desses símbolos muito nos ajudam a compreender o imaginário popular que a arte soube muito bem retratar.

NOTAS

(1) Para o estudo da simbologia em torno da *Torá* na vida de Jesus, veja o nosso artigo: A releitura da *Torá* em Jesus, *RIBLA*, n. 40, Vozes: Petrópolis, 2001, p. 9-19.

(2) Cf. Jacir de Freitas Faria, Maria Madalena, a mulher que Jesus tanto amou., *CONVERGÊNCIA*, out. 2001, n. 346, p. 511-516.

Frei Jacir é padre franciscano e professor de exegese bíblica, em Belo Horizonte, MG.

Santa Ifigênia: História, Singularidade e Atributos de uma Santa Negra

Ivan Rêgo Aragão*

Este artigo não tem a pretensão de ser um estudo inédito e nem de ter a profundidade de uma pesquisa histórica. Trata-se apenas do meu papel de conservador de bens culturais móveis, e amante da arte sacra, procurar registrar e comunicar aspectos tão singulares da hagiografia, iconografia e iconologia, de uma Imagem que foi venerada no século XVIII, e que até os dias de hoje, tem sua importância na vida religiosa das pessoas.

Sabemos que existem nove principais santos católicos que foram cultuados pelos negros africanos, ou através da própria imagem do santo, ou fazendo uma relação com um orixá da religião africana, já que a prática de um culto religioso que não fosse o católico, era “proibida” no Brasil Colônia. Cinco são imagens masculinas, sendo as duas últimas de representação negra: Santo Antônio de Cartagerona, São Francisco de Assis, São Domingos de Gusmão, São Benedito e São Elesbão; e quatro são imagens femininas, sendo a última, a única representante da raça negra: Nossa Senhora do Rosário, Santa Bárbara, Nossa Senhora das Dores e Santa Ifigênia. Meu objetivo com este artigo é tentar contribuir com a manutenção da memória de um país, onde a história da mistura de raças está diretamente ligada a história da mescla de culturas e crenças devocionais religiosas.

Santa Ifigênia nasceu no reino da Núbia, região que fazia parte da Etiópia, no continente africano. Ela era uma princesa, filha de reis e senhores da região. Neste momento histórico em que ela viveu, a Núbia era um reino “pagão” no sentido de não conhecer as doutrinas do cristianismo. Possuía suas próprias crenças e tradições religiosas. Seus habitantes acreditavam em vários deuses, sendo, portanto, uma sociedade politeísta.

Haviam se passado oito anos desde a crucificação de Jesus Cristo, quando penetrou na Etiópia o Apóstolo Evangelista São Mateus, desempenhando o seu papel de divulgador do conhecimento cristão.

Com o intuito de estabelecer e expandir a fé cristã, Mateus e alguns carmelitas que o acompanhavam fixaram-se em Noba, que era a capital da Núbia. E neste lugar como em outros, no qual haviam passado em missão, começaram a propagar os ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo. O objetivo era o de criar uma vida monástica naquela região.

Logo que o apóstolo e seus companheiros iniciaram a pregação das leis evangélicas, os problemas sociais começaram a surgir. Algumas pessoas começaram a questionar, outras o consideraram um louco. A notícia logo chegou ao conhecimento dos reis e da princesa Ifigênia que, como uma iluminação do intelecto, aceitou prontamente a “verdade” de um só Deus.

Noba, como uma cidade com classes sociais distintas, e pessoas no poder de boa e má índole, começou a sofrer um conflito: deixar seus ídolos de lado e acreditar em um Deus diferente. Era muito difícil a aceitação passiva destas novas notícias. Já havia uma tradição religiosa própria do lugar, vinda dos seus antepassados. Algumas pessoas se sentiram ultrajadas, indo pedir ao rei a expulsão do apóstolo e sua comitiva de monges carmelitas.

Ifigênia ao contrário, começou também a divulgar a idéia de um único Deus. Nada a detinha e, com isso, foi condenada a ser queimada na fogueira. Sendo sacrificada, só assim os ídolos e Deuses irritados se acalmariam, e a paz voltaria a pairar sobre o reino.

Destinada às chamas, Ifigênia foi amarrada e se ofereceu como hóstia humana ao seu verdadeiro Criador, e, animada, pôs-se a esperar. A fogueira foi erguida e, no momento em que a chama chegou nas madeiras, a princesa levantou a voz, invocando o sagrado nome de Jesus. De repente, desceu como que por um milagre um anjo que a arrancou da fogueira, tornando-a invisível aos olhos dos incrédulos.

Este primeiro milagre fortaleceu ainda mais, não só a fé de Ifigênia, que a partir daquele momento introduziu a Lei Evangélica no palácio real, como também facilitou para que o apóstolo Mateus pregasse de forma mais clara os

ensinamentos de Jesus.

Com o fato que a Divina Providência fez em favor da princesa, as pessoas começaram a dar mais crédito às palavras do Santo Apóstolo e, confirmou-se muito a aceitação às teorias cristãs, quando viram acontecer o segundo milagre: São Mateus ressuscitou o filho do rei, irmão de Ifigênia. Rei e Rainha, detentores do poder político e social, converteram-se a “nova religião” com todo o palácio; a nobreza e grande parte do povo imitaram o seu exemplo. Com isso, Ifigênia conseguiu ser batizada e permaneceu sempre fiel às obrigações do batismo, jamais desmentiu as promessas que fez a Deus, e nem ficou atraída pelas coisas mundanas.

De personalidade forte e obstinada, Ifigênia não se contentava apenas em sentir o amor por Deus. Queria fazer um serviço de expansão do cristianismo. O seu ânimo e entusiasmo aumentavam a cada dia, e ela sentia a necessidade de que todos amassem e servissem a Deus. Lutando com desassossego, foi um dia arrebatada, e recebeu diretamente de Jesus Cristo, a seguinte revelação: ela deveria preparar um exército de virgens, pobres, obedientes e castas, que renunciassem a vida mundana



*Santa Ifigênia
Matriz de São Bartolomeu
Minas Gerais*



*Santa Ifigênia
Matriz de Glaura
Minas Gerais*



*Santa Ifigênia
Matriz de Nossa Senhora do Rosário
Diamantina, Minas Gerais*



*Santa Ifigênia
Igreja do Serro Frio
Minas Gerais*

em detrimento da pureza. Grande foi a dedicação de Ifigênia em cumprir a ordem recebida do seu Divino Esposo. Com o auxílio do apóstolo Mateus, e sem perda de tempo, comunicou a seus pais, e providenciou a construção de um convento carmelita. As donzelas atraídas, convencidas do que lhes declarava a ilustre princesa, resolveram segui-la nesta empresa. O convento ficou pronto, e foi providenciada uma celebração para o juramento de Ifigênia ao seu Divino Esposo. Na presença de todos, ela ouviu a pregação de São Mateus, sobre a excelência das três virtudes angélicas. Foi uma cerimônia onde estava Ifigênia, para seguir e fazer observar no seu convento, invocando o Espírito Santo, enquanto o Santo Apóstolo a revestia de hábito preto e capa branca da Sagrada Ordem do Carmo. Após as celebrações, se instalou o caos. Vários fatos trágicos vieram a acontecer para provar a fé de Ifigênia: primeiro a morte dos pais, seguida pelo destronamento e morte do seu irmão. Tudo isto feito por um tio ganancioso e tirano, denominado Hírtaco. E, por fim, uma sucessão de tragédias: seu mestre, Mateus, é morto trespassado pela lança de Hírtaco. Ifigênia também sofreu perseguições e maus tratos. O seu sangue foi derramado.

O tio tirano mandou pôr fogo no convento. As armas de defesa que Ifigênia usou, foram as orações. Pediu a Deus. Imediatamente, como por um relance, desapareceu o fogo no convento e incendiou o palácio do inimigo, com chamas tão repentinas e fortes, que logo ficou tudo reduzido a cinzas, deixando apenas algumas ruínas. Ifigênia triunfou no seu combate.

A morte para uma fiel esposa de Jesus Cristo, é a união completa com o seu bem amado. Vivendo toda absorpta em Deus, Ifigênia teve do céu um aviso que era tempo de passar das trevas do mundo para a claridade do céu. Recebeu a Santa esta notícia, e nada mostrou de tristeza. Começou a se desfazer de tudo, até que uma aguda e mortal doença, serviu de aviso para suas companheiras de aviso que sua mestra, dentro em breve, não mais seria deste mundo. Nas últimas semanas de vida, a auréola dos santos brilhava ao redor de sua fronte. Recebeu com toda a ternura e devoção o Sagrado Viático. Permaneceu absorpta em contemplação, inebriada por esse sangue de vida, que pela última vez na terra, acabava de haurir. Ouviu-se nos ares um coro de vozes celestes, cantando essas palavras: "Abandonei o reino do mundo pelo Amor de Nosso Senhor".

*"A mulher forte, quem a encontrará?
Seu valor excede a tudo o que vem de Longe.
A fortaleza e o decoro são os seus adornos,
e risonha verá o seu último dia."
(Provérbios, 31 In: Bíblia Sagrada)*

Na maioria das vezes Santa Ifigênia é representada como uma jovem adulta de carnção negra. Vestida em trajes reais ou com um hábito carmelita. O seu principal atributo é uma igreja colocada na sua mão esquerda. Esta igreja, em algumas imagens, pode vir flamejante ou não. A igreja simboliza a imagem do mundo, o reino dos eleitos, o microcosmo, a igreja paradisíaca e a alma humana. Ela abriga em seu seio todos os justos. É considerada como a Esposa de Cristo e a Mãe dos cristãos. Neste caso, estes significados estão diretamente ligados à vida da Santa, que, além de salvar o convento do incêndio, tinha o papel de Mãe/Mestra das jovens carmelitas, e ainda se considerava como Esposa de Cristo.

O fogo também foi um símbolo muito presente na vida da Santa. Além do fogo do amor por Deus, o fogo também queima os pecados e eleva a alma para o nível celeste. O outro atributo colocado na sua mão direita é a cruz ou o crucifixo, que simbolizam sua união de fé em favor da religião cristã. Algumas vezes, em vez do crucifixo, ela pode vir segurando uma palma de martírio.

A palma é universalmente considerada como símbolo de ascensão, vitória, de regeneração e imortalidade da alma. Na psicanálise jungiana, o símbolo da palma está também diretamente ligado à alma humana.

Em algumas imagens de Santa Ifigênia há, em sua cabeça, um resplendor, símbolo de representação sacra e ascensão religiosa.

Aos seus pés a Santa pode trazer a coroa e o cetro, símbolos da realeza. Como geralmente estão na parte inferior da imagem, ambos significam o desprezo pela nobreza terrestre, aos vícios da ganância e crueldade, em atenção a realeza divina. Segundo a sua história, após a morte de seus pais, ela vai renegar todo tipo de luxo. E vai desprezar o seu tio, que rouba a coroa e o cetro, das mãos do seu progenitor morto. Santa Efigênia troca o poder terrestre que o cetro dignifica, pelo poder da Autoridade Suprema. A imagem da santa também pode vir em sua representação, pisando a cabeça de um rei. Por ser uma Santa de cor negra, foi inegável a sua veneração no século XVIII, em grande parte, por pessoas também da mesma cor, principalmente escravos. Neste momento histórico em Minas Gerais as irmandades de leigos ou Confrarias, ou seja, irmandades que não eram de clérigos e sim de pessoas comuns, eram divididas por raças e classes sociais: irmandades dos homens brancos, pardos e pretos. Foi muito cultuada em várias regiões das Minas Setecentista, chegando a ser erigida uma igreja em sua devoção e homenagem na cidade de Ouro Preto. Mas houve manifestações do seu culto em várias partes do Brasil, desde o litoral até o sul do país. A sua imagem estava sempre ligada à Irmandade do Rosário dos Homens Pretos. Nos dias atuais, Santa Ifigênia é querida por pessoas de todas as raças.

No culto afro-brasileiro, também foi inevitável à sua ligação com um Orixá. Santa Efigênia foi associada a Oxum, Mãe e Deusa do Amor. Segundo Carlos Araújo: "Orixá das águas doces e claras, Senhora dos rios, lagos e cachoeiras... sua conta é o amarelo ouro, sua cor preferida. É bela e faceira... muito esperta no uso do seu fascínio". A sua festa é comemorada no dia 21 de Setembro, no mesmo dia de São Mateus. A partir do século VIII, a veracidade da sua história foi posta em dúvida por alguns eclesiástas. Estas atitudes, porém não tem muito haver, no sentido de que à força e a fé devocional do povo, traz a imagem da santa até o século XXI. Santa Ifigênia é por si só, um símbolo de veneração cristã barroca, que sobreviveu até o momento presente. E como tal, já está arraigada na mentalidade e na cultura religiosa do povo brasileiro.



Santa Ifigênia

Igreja de Nossa Senhora do Pilar
Ouro Preto, Minas Gerais

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Carlos. *ABC dos Orixás*. Rio de Janeiro: Editora Nórdica, 1993.
- CHEVALIER, Jean e GHEEBRANT, Alain. *Dicionário dos Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1997.
- CONTI, Dom Servílio. *O Santo do Dia*. Petrópolis: Editora Vozes.
- HERSTAL, Stanislaw. *Imagens Religiosas do Brasil*. São Paulo, 1956.
- SHENONE, Hector H. *Iconografia del Arte Colonial: los Santos*. Buenos Aires: Fundación Tarea, 1992.

* Ivan Rêgo Aragão é técnico em conservação/restauração e trabalha na cidade do Rio de Janeiro, RJ.

NOTA DO EDITOR

Segundo Schenone, página 442:

"A história de Santa Ifigênia é fruto de uma lenda, segundo a qual ela seria filha do rei Egípcio e teria nascido na Etiópia, na cidade de Estigna. O venerável Beda pôs em dúvida sua existência no século XIII. No século XVII o cardeal Belarmino demonstrou a inconsistência da lenda. Foi muito venerada no Brasil e no Rio da Prata."

ANUIDADE

Acabamos de fazer um levantamento da situação financeira do CEIB e verificamos que, devido ao novo sistema adotado para a cobrança, houve uma melhora em 2002. Apesar disso, um grande número de associados está em falta com o pagamento das anuidades. Estamos enviando com o **BOLETIM** os boletos para pagamentos das anuidades de 2003 com vencimento até 30 de abril. Membros que não efetuarem seus pagamentos até esta data serão desligados da associação. Qualquer esclarecimento poderá ser solicitado à secretaria do **CEIB**.

CEIB

Presidente:

Beatriz Coelho

Vice-presidente:

Myriam Ribeiro de Oliveira

1ª Secretária:

Maria Regina Emery Quites

2ª Secretária:

Helena David Castello Branco

1ª Tesoureira:

Carolina Maria Proença Nardi

2ª Tesoureira:

Claudina Dutra Moresi

ENDEREÇO

CEIB/EBA/UFMG

CGC: 02970571-0001/84

Av. Antônio Carlos, 6.627—30.270-010
Belo Horizonte, MG -Tel: (031) 3499-5290

www.eba.ufmg.br/ceib

e-mail: ceib@eba.ufmg.br

BOLETIM

Projeto gráfico, arte e editoração:

Beatriz Coelho e Helena David

Tiragem: 250 exemplares

Periodicidade: quadrimestral

Os artigos assinados são de responsabilidade do autor e não refletem necessariamente a opinião do
BOLETIM DO CEIB.

É permitida a reprodução de fotos ou artigos desde que citada a fonte.